



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

12849 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)  
 ISSN: 2447-2808  
 GT06 - Educação Popular

### MULHERES E O EXTRATIVISMO DO CUMBARU

Ana Cláudia de Campos - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso  
 Maria Aparecida Rezende - UFMT/Campus de Cuiabá - Universidade Federal de Mato Grosso

### MULHERES E O EXTRATIVISMO DO CUMBARU

**Resumo:** Este estudo é parte da pesquisa de mestrado em desenvolvimento pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Mato Grosso PPGE/UFMT. O tema que se apresenta é a visibilidade das mulheres camponesas e negras que fazem parte do Grupo de Mulheres Camponesas Raízes do Cerrado, localizado na zona rural do município de Nossa Senhora do Livramento MT. O problema é a questão: como dar visibilidade aos saberes tradicionais e buscar emancipação dessas mulheres por meio do trabalho desenvolvido no Grupo? Nesse texto o objetivo é mostrar algumas ações desenvolvidas que auxiliam a dar visibilidade para cada mulher que compõe esse grupo. O enfoque é o extrativismo do cumbaru que vem fortalecendo as ações coletivas. É uma pesquisa qualitativa e o método que a sustenta está fundamentado na epistemologia fenomenológica. A teoria para compreender esse fenômeno que constitui parte da vida destas mulheres vem deslizando numa esteira Merleau-Pontyana e Freireana num esforço de evidenciar as experiências vividas por elas, em um fazer-pedagógico mostrando o *que* e *como* elas aprendem a construir sua emancipação cotidianamente frente a esse trabalho.

**Palavras-chave:** Mulheres, Saberes Tradicionais, Visibilidade, Emancipação, Extrativismo do cumbaru.

### Introdução

O Grupo de Mulheres Camponesas Raízes do Cerrado é composto por trinta e uma

mulheres de comunidades tradicionais, sendo: seis mulheres da comunidade Cachoeirinha, duas do Chico Leite, três do Carrapatinho, onze do Buriti do Atalho e nove do Buriti Grande, todas no município de Nossa Senhora do Livramento MT onde o bioma predominante é o Cerrado. Trata-se de organização coletiva de mulheres do campo para estudo, geração, acesso e incremento da renda de modo sustentável/agroecológico, além do acolhimento, cuidado, proteção e superação das diversas formas de violência vividas cotidianamente por cada uma de nós.

O grupo foi criado em 2017 e a princípio as reuniões eram nas quintas-feiras de manhã na Comunidade Cachoeirinha, porém a partir de 2020, considerando as distâncias entre as comunidades e a dificuldade de deslocamento das mulheres para se reunirem, considerando também a pandemia da COVID 19 elas foram criando novos grupos dentro das comunidades. As mulheres da Cachoeirinha e Chico Leite permaneceram com o nome Raízes do Cerrado, no Carrapatinho criou-se o grupo Força do Cerrado, no Buriti Grande Frutos do Cerrado e no Buriti do Atalho Amigas do Cerrado. Na comunidade Paratudal estão se organizando para a criação do grupo de mulheres Flores do Cerrado. Portanto, quando dizemos Grupo de Mulheres Camponesas Raízes do Cerrado estamos nos referindo a todos os grupos de mulheres citados acima.

Esta pesquisa mostra-se relevante pelo fato de haver grande riqueza de saberes tradicionais do território e da biodiversidade na região onde se encontra o grupo, e são as mulheres as que mais detém esses saberes. Há relevância educacional porque busca evidenciar os saberes tradicionais das mulheres camponesas e negra a fim de visibilizar seus aprendizados. Aqui estamos tratando de uma concepção alargada de educação como afirma Brandão (1981, p 07), “não há uma forma única nem um único modelo de educação; a escola não é o único lugar onde ela acontece e talvez nem seja o melhor”, as mulheres camponesas e negras participantes desta pesquisa não tiveram oportunidade de frequentar a escola quando crianças, mas possuem uma gama de aprendizados que consideramos importantes pois foi o que lhes garantiu sobreviver, cuidar de si, dos outros/as, cuidar da terra e do cerrado. E como foi que elas aprenderam isso?

A teoria para compreender esse fenômeno que constitui parte da vida destas mulheres vem deslizando numa esteira Merleau-Pontyana e Freireana num esforço de evidenciar as experiências vividas por elas, em um fazer-pedagógico mostrando o *que* e *como* elas aprendem a construir sua emancipação cotidianamente frente a esse trabalho.

Buscamos, a partir do olhar silencioso e da observação participante do grupo, mostrar algumas ações desenvolvidas que auxiliam a dar visibilidade para cada mulher que compõe esse grupo. O enfoque é o extrativismo do cumbaru que vem fortalecendo as ações coletivas. Por meio de conversas informais, mas atenta como parte integrante deste grupo foi possível construir algumas indagações: como as mulheres camponesas e negras têm apresentadas suas reivindicações e mostrado suas indignações frente ao sistema? Como se dão os processos de lutas? Que saberes perpassam os trabalhos do Grupo? Que função específica desempenham as

mulheres frente à propagação desses saberes? Essas questões se traduzem em um conjunto de desconfortos que vem se desdobrando ao longo dos anos no que tange ao trabalho da mulher, por isso estão postas para serem problematizadas ao longo da pesquisa.

### **O grupo e as mulheres camponesas e negras: o cotidiano recheado de histórias**

A vida destas mulheres está entrelaçada com o próprio Cerrado. Elas são herdeiras de saberes ancestrais e tradicionais que guiam, geração após geração, o manejo sustentável do Cerrado, lugar onde sempre viveram e que agora lutam para permanecer em seus territórios de vida. São mulheres fortes, com mais de 30 anos, casadas e algumas têm filhos/as e netos/as. Muitas eram analfabetas, outras possuíam apenas os anos iniciais do Ensino Fundamental, o que nos leva a refletir sobre a negação do direito a educação aos povos do campo especialmente às mulheres camponesas e negras. Todavia, agora elas estão tendo a oportunidade de continuar os estudos por meio da Educação de Jovens e Adultos EJA, em salas anexas da Escola Estadual José de Lima Barros e com isso sonham em continuar fazendo o que nossas avós faziam, o que nossas mães faziam sendo que para isso é preciso salvaguardar o Cerrado.

Em grupo as mulheres assumiram o compromisso de buscar sua dignidade, por isso “o compromisso seria uma palavra oca, uma abstração, se não envolvesse a decisão lúcida e profunda de quem o assume” (FREIRE, 1997, p. 15). Elas assumiram o compromisso de descobrir qual é o caminho para encontrar a emancipação de ser elas mesmas. Freire (1997) nos ensina que rumos para desenvolver um trabalho comprometedor com as mulheres, por isso, é importante entender os estados de consciência de cada uma para que possamos desenvolver procedimentos metodológicos e estratégicos para acompanhar e juntas buscar as transformações dentro de nós e um novo relacionar-se com o mundo.

É preciso alcançar uma consciência criativa, e com participação nas ações da realidade. A consciência se reflete e vai para o mundo que conhece: “é o processo de adaptação. A consciência é temporalizada. O homem é consciente e, na medida em que conhece, tende a se comprometer com a própria realidade” (FREIRE, 1997, p. 39). A consciência segundo Freire (1997) passa pelos estados do intransitivo que produz uma consciência mágica, mas num primeiro momento ela é ingênua e vai para a consciência crítica.

### **O trabalho libertador do extrativismo cumbaru**

O extrativismo dos frutos do Cerrado é uma atividade tradicional majoritariamente manejados por mulheres e transmitidos de geração em geração. A principal fonte de renda do Grupo de Mulheres Camponesas Raízes do Cerrado vem do extrativismo do cumbaru (*Dipteryx alata Vogel*), espécie também referida como baru, castanha-de-bugre, cumarurana, da família Fabaceae, nativa no Pantanal e no Cerrado. Além da renda o extrativismo do cumbaru contribui para mitigação das mudanças climáticas pois mantém a floresta preservada.

**Figura 1. Frutos de Cumbaru**



Fonte: acervo da autora (2022)

Essa amêndoa possui alto valor nutricional, é de agradável palatabilidade e as mulheres do grupo fazem diversos produtos a partir do cumbaru como licor, pão de mel, doces, farinhas, bolos, biscoitos, pães, além de vender a castanha torrada ou o fruto *in-natura*.

A pesquisa aponta que, com esse trabalho as mulheres foram interagindo umas com as outras, conversando e descobrindo que podiam mudar suas vidas. Então por meio de assessorias organizativas iniciaram todo um processo de ações rumo as transformações do seu viver frente ao mundo que se relacionam e interagem. A compreensão de mundo para nós é “o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (Merleau-Ponty, 2006, p. 14). O mundo delas é o meio que sempre viveram, mas buscaram ampliar sua compreensão com o mundo, pois ele não se fecha e está aberto para novas jornadas..

### **Considerações finais**

Os dados produzidos até o momento mostram que as mulheres camponesas e negras lutam e trabalham pensando na comunidade, elas não pensam individualmente, não se restringem a trabalhar somente para elas, mas, trabalham juntas e lutam para beneficiar o maior número de pessoas possível. A história de cada uma delas revela a submissão ao trabalho designado à mulher frente a uma sociedade machista. Na individualidade do seu ser, a tristeza, o cansaço do dia a dia e o prazer de ter filhos e filhas, mas um compromisso elevado de preocupação com a saúde e o processo educativo deles e delas.

**Referências Bibliográficas**

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. Editora Brasiliense. Tatuapé, São Paulo SP, 1981.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. 21ª edição. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.